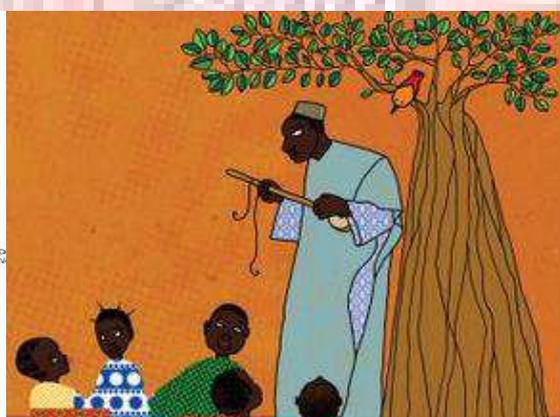
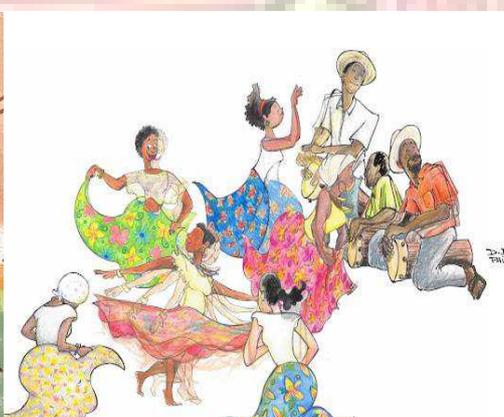




# EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA: construindo possibilidades

Rosândrea Maria Lopes Melo



ROSÂNDREA MARIA LOPES MELO

**EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA: construindo possibilidades**

Produto Técnico-Tecnológico educacional desenvolvido com base na dissertação **EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O CURRÍCULO DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**: uma análise das rotinas didáticas, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA) como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jackson Ronie Sá da Silva.

Área de concentração: Gestão e Formação de Professores para a Educação Básica.

Linha de Pesquisa: Formação de professores e Práticas educativas.

São Luís - MA  
2022

Melo, Rosândrea Maria Lopes

Educação para as relações étnico raciais e o currículo do segundo ano do ensino fundamental: uma análise das rotinas didáticas / Rosândrea Maria Lopes Melo. São Luís, 2022.

45 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Jackson Ronie Sá da Silva.

1.Educação. 2.Relações étnico-raciais. 3.Currículo. 4. Lei nº10.639/03. I. Silva, Jackson Ronie Sá da. II. Título.

CDU: 323.38

The background is a complex, colorful pattern. At the top, there are alternating yellow and purple triangles pointing downwards. Below this is a horizontal band of vertical lines in various colors. The middle section features a grid of squares with different colors and patterns, including a checkered pattern. The bottom part of the image has a light blue horizontal band above a section with vertical lines and a large, stylized, multi-colored shape on the left side.

Dedico este trabalho aos meus pais, professores e professoras, que cotidianamente entregam sua melhor versão em sala de aula e buscam por conhecimento de maneira contínua por acreditarem no poder transformador da educação, no valor do seu fazer pedagógico e no potencial da escola pública.

# Sumário

APRESENTAÇÃO .....	06
1 INTRODUÇÃO .....	07
2 EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: conversa inicial .....	10
3 EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E FORMAÇÃO DOCENTE .....	18
4 EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E ALFABETIZAÇÃO .....	26
4.1 Brinquedos e brincadeiras .....	27
4.1.1 Boneca Abayomi – símbolo de resistência e afetividade .....	29
4.1.2 Jogo Kudoda .....	30
4.2 Memória das palavras – Nosso vocabulário .....	32
4.3 Tambor de crioula – Resistência e religiosidade .....	34
4.4 Personalidades negras – Representatividade .....	35
4.5 Livros paradidáticos .....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS .....	41

# Apresentação

O Mestrado Profissional - MP é uma modalidade de Pós-Graduação *stricto sensu* com o objetivo de capacitar profissionais, nas diversas áreas do conhecimento, através de realização de estudo, pesquisa e elaboração de Produto Técnico-Tecnológico – PTT que atendam às demandas sociais e do mercado de trabalho. O PTT pode ser apresentado em formatos variados e está sempre relacionado ao problema de pesquisa estudado. Essa orientação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES é reforçada pela Instrução Normativa nº. 03/2020 do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA ao qual está vinculado este estudo.

Este PTT educacional em formato de Proposta Pedagógica Teórica foi desenvolvido com base na dissertação **EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O CURRÍCULO DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**: uma análise das rotinas didáticas. Ele surge em resposta aos anseios e às lacunas encontradas durante a realização deste estudo.

Apresentamos este produto com o intuito de apoiar o trabalho didático pedagógico do professor em sala de aula, pautado em proposições científico-pedagógicas, que favoreçam a efetivação de processos educativos que considerem a relevância das relações étnico-raciais nos espaços formais de ensino. É importante destacar que não trazemos esta proposta como modelo ou receita, mas como sugestões que podem ser utilizadas, ampliadas ou redefinidas de acordo com o olhar singular de cada professor para o seu universo específico: sua sala de aula ou seu contexto educacional.

## 1 INTRODUÇÃO

A Proposta Pedagógica teórica intitulado “**EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA: construindo possibilidades**” tem como objetivo apresentar sugestões didático-metodológicas para o planejamento de atividades educativas, a partir da educação para as relações étnico-raciais, a ser utilizada por professores alfabetizadores do segundo ano do ensino fundamental, além de instigar debates e promover reflexões acerca do fazer pedagógico e da formação docente envolvendo os referenciais africanos e afro-brasileiros para a promoção de uma educação antirracista.

Como ordenamento teórico-metodológico trazemos na introdução o objetivo deste material e as partes que o constituem. No tópico 2, intitulado Educação para as Relações Étnico-Raciais: conversa inicial, apresentamos um breve embasamento legal, o entendimento da Educação para as Relações Étnico-Raciais - EREER adotado neste trabalho e os conceitos de racismo, preconceito e discriminação racial. Apresentamos, também, sugestões de material de apoio com informações sobre o continente africano e a cultura afro-brasileira e africana. O tópico 3, Educação para as Relações Étnico-Raciais e a formação docente discute a importância da atualização profissional, do posicionamento no enfrentamento da discriminação racial no espaço escolar e na compreensão da relevância do trabalho didático-pedagógico considerando as diferenças e os contextos socioculturais dos educandos. Apresentamos, ainda, materiais formativos que estimulam a reflexão da prática docente na direção da educação para as relações étnico-raciais.

O item 4, Educação para as Relações Étnico-Raciais e alfabetização, traz breve discussão sobre a importância do processo alfabetizador ser contextualizado e significativo, considerando as vivências dos educandos, estimulando que as ações didáticas não se configurem como ruptura do que as crianças vivem nos espaços extraescolares. Trazemos algumas sugestões de atividades didáticas, bem como apresentação de possibilidades de trabalho com temáticas a serem abordadas dentro da EREER a partir das seguintes subdivisões: brinquedos e brincadeiras, memórias das palavras – nosso vocabulário, tambor de crioula – resistência e religiosidade, personalidades negras – representatividade e livros didáticos. Nessa última

subdivisão apresentamos uma lista com 7 (sete) livros paradidáticos que oportunizam o trabalho de temas que variam desde a ancestralidade, passando pelas diferenças fenotípicas na construção da identidade negra, estética até contos africanos.

Por fim, nas considerações finais, trazemos breve discussão sobre a dinamicidade do processo educacional e a importância do empenho de toda a comunidade escolar na implementação de uma educação antirracista.



Fonte: <https://m.facebook.com/obami02/photos/>

***“Unidade é força, divisão é fraqueza”***  
***(Provérbio africano)***

## 2 EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS – ERER: conversa inicial

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, nº 9.394/96<sup>1</sup> foi alterada pela Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 em seus artigos 26-A e 79-B, sendo que o primeiro trata sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas de todo o país e o Artigo 79-B, insere no calendário escolar o

dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra. É importante ressaltar que este ganho legal é fruto de luta e mobilização do Movimento Negro no intuito de garantir à população negra o direito de se ver representada e incluída nos processos educacionais formais.

Obviamente, somente o aparato legal não é suficiente para assegurar a realização de trabalhos pedagógicos que considerem os aspectos pluriétnicos e a diversidade sociocultural que constituem o Brasil, entretanto, a existência de leis e orientações são necessárias para direcionar toda a comunidade escolar para a possibilidade de potencializar a formação crítica dos educandos no que tange às desigualdades históricas que foram se naturalizando ao longo da formação do país.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana - DCNErer (2004), ao tratar da educação das relações étnico-raciais, destacam que o sucesso de políticas de estado, institucionais e pedagógicas, que tenham como objetivo a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros

### A LEI nº. 10.639/2003 – Saiba mais!

➤ O ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

➤ Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

<sup>1</sup> Em 2008, a Lei nº 9.394/96 é alterada novamente em seu artigo 26-A pela Lei nº 11.645/08, sem revogar a Lei nº. 10.639/03, mas ampliando-a, pois, além da obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira, torna-se obrigatório o ensino de História e Cultura Indígena. Neste trabalho, trataremos, especificamente, das questões relacionadas ao que determina a Lei nº 10.639/03.

Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais. Depende, ainda, de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola (BRASIL, 2004, p. 13).

No entanto, reconhecemos que, embora a escola não seja o único espaço para o desenvolvimento de trabalhos na direção de uma educação antirracista, ela se configura como espaço privilegiado para estabelecimento de reflexões sobre a temática e implementação de ações que considerem a diversidade, visto que “[...] a escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente [...] contra toda e qualquer forma de discriminação [...]” (BRASIL, 2004, p. 16).

O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2013) ao tratar sobre as atribuições das instituições de ensino, aponta que estas devem realizar revisão curricular para implantar a temática, objetivando ajustar seus conteúdos a fim de favorecer a democratização da escola através da ampliação do direito à equidade nos processos educativos, bem como o reconhecimento de outras matrizes de saberes da sociedade brasileira, não só da matriz eurocêntrica. Marques *et.al* (2018, p. 27) também reforça o importante papel da escola enquanto ferramenta na formação de sujeitos críticos e capazes de lidar com as diferenças sem atribuir a elas o caráter de inferioridade ao colocar que

Das instituições que proporcionam à criança o contato com o mundo externo ao seu, a escola é a que tem maior impacto sobre sua formação. Mesmo em uma era em que as tecnologias permitem conhecer/ver tudo de tudo, a escola se mantém proporcionando à criança experiências e compreensões que só o convívio social é capaz de gerenciar.

Desse modo, os espaços formais de ensino precisam oportunizar que as interações que acontecem em suas ações pedagógicas sejam permeadas pelo respeito, pela visão plural e múltipla que exige a heterogeneidade que nos constitui enquanto sujeitos singulares, sem perder de vista, que a nossa individualidade constrói o coletivo a partir das nossas vivências e interações, sendo assim, é inegável que

[...] a educação tem um papel fundamental na desconstrução do racismo, da discriminação e do preconceito como veículo disseminador de conhecimento, ao possibilitar o acesso às histórias e culturas dos povos que formam as bases da nação brasileira, multicultural e pluriétnica, valorizando todas as formas de ser e estar dessas matrizes, desconstruindo o ideário de homogeneidade cultural que desfavorece essas contribuições (SANTOS, 2018, p. 53).

Para a efetivação da escola enquanto importante espaço no combate à discriminação racial, ao preconceito e ao racismo se faz necessário o esclarecimento acerca desses três conceitos básicos que estão diretamente relacionados à Educação para as Relações Étnico-Raciais – EREER, uma vez que não se pode combater aquilo que não se conhece ou compreende. Ademais, “[...] o silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação racial nas diversas instituições educacionais contribui para que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos sejam entendidas como desigualdades naturais [...]” (BRASIL, 2005, p. 11).

Dessa forma, a ausência de reflexões acerca da temática compromete o planejamento de ações pedagógicas que favoreçam o estabelecimento de relações interpessoais baseadas no reconhecimento da importância da diversidade e no respeito às diferenças. Sendo assim,

O entendimento conceptual sobre o que é racismo, discriminação racial e preconceito, poderia ajudar os(as) educadores(as) a compreenderem a especificidade do racismo brasileiro e auxiliá-los a identificar o que é uma prática racista e quando esta acontece no interior da escola. Essa é uma discussão que deveria fazer parte do processo de formação dos professores (GOMES, 2005, p. 148).

Consoante a essas discussões, neste trabalho, trazemos o conceito de racismo trabalhado por Beato (1998, p. 1) que o define como “[...] a teoria ou ideia de que existe uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura [...]”. O autor acrescenta, ainda, que o racismo também está atrelado à ideia de que determinados grupos étnicos são naturalmente superiores ou inferiores a outros.

No que diz respeito ao preconceito racial, compreendemos que está pautado na construção de opinião aligeirada, portanto de maneira superficial, que atribui julgamento precipitado e como nos coloca Nogueira (2006, p. 292) ele pode ser considerado como “[...] uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como

estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica [...]”. Já para a compreensão da concepção de Discriminação Racial nos embasamos no conceito trazido no documento fruto da Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial da Organização das Nações Unidas – ONU (1968) que descreve no Artigo 1º que Discriminação Racial é

[...] toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto ou resultado anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em um mesmo plano (em igualdade de condição) de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública (ONU, 1968, p. 2).

Preconceito, racismo e discriminação são, portanto, o resultado da intolerância à diferença existente no outro e estabelecem entre si uma relação de interdependência. Nessa perspectiva, Gomes (2005, p. 55) sintetiza de forma esclarecedora a relação entre eles, apontando que

A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam.

Diante disso, é importante que essas reflexões aconteçam, também, durante os processos formais de ensino, uma vez que atitudes e valores são aprendidos e constituídos nas relações que se estabelecem nos diversos grupos sociais, entre eles a família e a escola, pois como nos coloca Lopes (2005, p. 88),

As pessoas não herdam, geneticamente, ideias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola. Da mesma forma, podem aprender a ser ou tornar-se preconceituosos e discriminadores em relação a povos e nações.

A escola e toda a comunidade escolar precisam compreender e implementar ações pedagógicas que possibilitem o entendimento de que as diferenças são construções socioculturais e políticas e que estas não precisam ser hierarquizadas ou classificadas como boas ou ruins, mas vistas nas suas especificidades, respeitadas e inseridas no processo educativo como ponto de partida na construção de novos conhecimentos. Gomes (2010b, p. 25) deixa claro o papel da escola e indica as possibilidades de ganhos quando esta assume seu papel.

A escola tem papel importante a cumprir [...]. Uma das formas de interferir pedagogicamente na construção de uma pedagogia da diversidade e garantir o direito à educação é saber mais sobre a história e a cultura africanas e afro-brasileiras. Esse entendimento poderá nos ajudar a superar opiniões preconceituosas sobre os negros, a África, a diáspora; a denunciar o racismo e a discriminação racial e a implementar ações afirmativas, rompendo com o mito da democracia racial.

A escola é um espaço onde se estabelecem as relações e as representações sociais dos distintos grupos sociais e pluriétnicos que constituem o nosso país, portanto, deve promover uma educação antirracista, assegurando a possibilidade de cada sujeito construir sua identidade étnica, suas subjetividades a partir do conhecimento da história de seu grupo de pertencimento e a contribuição desse grupo na formação do Brasil (SANTOS, 2018), para isso, é fundamental que a história contada nos espaços escolares considere a pluralidade de contribuições, que conte a história do povo negro não apenas como sujeito escravizado, mas também, na perspectiva da resistência e de sujeitos ativos na construção da história nacional, o que exige, por parte da escola, o estudo do Continente Africano e suas singularidades.

A função da escola não se restringe à transmissão de saberes historicamente constituídos. Embora reconheçamos que este é, também, um papel importante na formação dos sujeitos, mas destacamos que deve existir uma preocupação latente para que o aluno adentre o espaço escolar e construa uma trajetória positiva e de sucesso. Para isso, faz-se necessário repensar práticas em que os educandos sejam acolhidos e compreendidos em suas origens étnico-sócio-históricas e culturais, pois

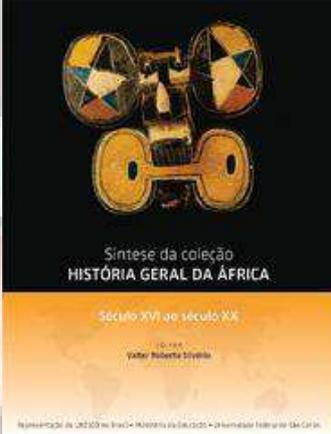
não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica *desculturalizada*, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura(s) (CANDAUI, 2008, p. 13, grifos do autor).

De acordo com as discussões aqui estabelecidas, trazemos algumas sugestões de materiais encontrados no acervo da escola pesquisada durante imersão no campo, sendo esses materiais adquiridos através de políticas nas esferas federal, estadual e municipal, não são os únicos, mas acreditamos que possam servir de auxílio na busca de conhecimentos acerca da África e da cultura africana e afro-

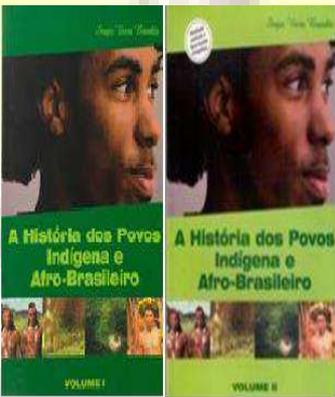
brasileira, objetivando embasar o planejamento de atividades pedagógicas mais consistentes e que direcionem as ações para uma pedagogia antirracista, que considere a matriz africana com toda a relevância que lhe é devida na constituição do Brasil e do povo brasileiro.

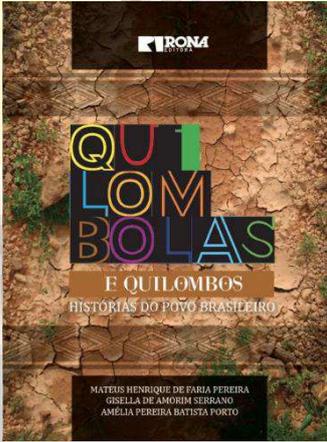
LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Síntese da Coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI</p> <p><b>Autoria:</b> Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón e Muryatan Santana Barbosa</p> <p><b>Editor:</b> Valter Roberto Silvério.</p> <p><b>Editora:</b> UNESCO, MEC, UFSCar</p> <p><b>Ano:</b> 2013</p>	<p>Apresenta importantes conhecimentos sobre as contribuições dos povos africanos para a humanidade, as influências do povo negro na formação social, cultural, política e econômica do Brasil. Além da Introdução Geral, traz a história da África até o século XVI em quatro capítulos: 1–Metodologia e Pré-história da África; 2–África Antiga; 3–África do século VII ao XI e, por fim, o 4 – África do século XII ao XVI.</p>

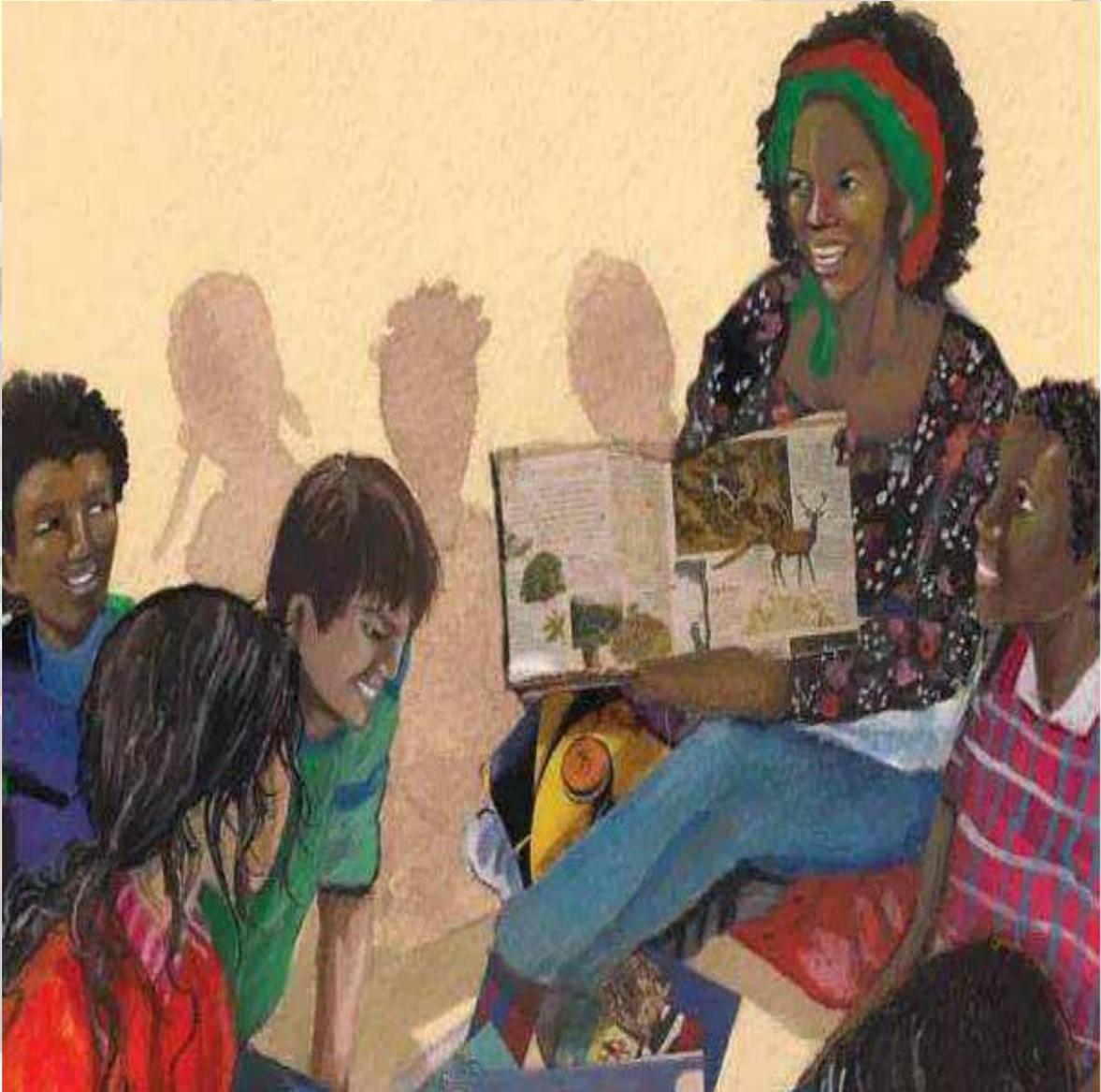
Link para download: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379557>

LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Síntese da Coleção História Geral da África: Século XVI ao século XX</p> <p><b>Autoria:</b> Maria Corina Rocha e Muryatan Santana Barbosa</p> <p><b>Editor:</b> Valter Roberto Silvério.</p> <p><b>Editora:</b> UNESCO, MEC, UFSCar</p> <p><b>Ano:</b> 2013</p>	<p>Esta obra é uma continuação da anteriormente citada. Menciona a história da África e dos africanos transpondo mitos e preconceitos disseminados ao longo da história na perspectiva eurocêntrica. Organizada, também, em quatro capítulos, sendo eles, respectivamente: África do século XVI ao XVIII; África do século XIX à década de 1880; África sob dominação colonial, 1880-1935 e África desde 1935.</p>

Link para download: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227008>

LIVROS	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> A história dos povos indígena e afro-brasileiro</p> <p><b>Autoria:</b> Sérgio Vieira Brandão</p> <p><b>Ilustrações:</b> Ademar dos Santos e Eliane Cássia Ramos</p> <p><b>Editora:</b> Expoente</p> <p><b>Ano:</b> 2009</p>	<p>Constituída por dois volumes, essa obra resgata as contribuições de afrodescendentes e indígenas na formação da sociedade brasileira, traz aspectos históricos e culturais com ricas ilustrações, resgatando as memórias desses grupos e fortalecendo suas identidades étnicas. Aborda temáticas como religião, as manifestações culturais herdadas da população negra, processo de resistência através das revoltas, dentre outros.</p>
LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações.</p> <p><b>Autoria:</b> Kanengele Munanga</p> <p><b>Ilustrador:</b> Luciano Tasso Filho</p> <p><b>Editora:</b> Gaudi Editorial</p> <p><b>Ano:</b> 2012</p>	<p>A obra apresenta a África antes do violento processo de exploração e dominação, dando destaque às belezas do continente, objetivando desmistificar a imagens e situações utilizadas para justificar o processo desumano de escravização a que a população africana foi submetida. Destaca, ainda, a África como berço da humanidade e especifica os africanos que povoaram o Brasil e suas respectivas contribuições.</p>
LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> História e cultura afro-brasileira</p> <p><b>Autoria:</b> Regiane Augusto de Mattos</p> <p><b>Editora:</b> Contexto</p> <p><b>Edição:</b> 2ª</p> <p><b>Ano:</b> 2012</p>	<p>O livro traz uma linguagem didática e apresenta seus textos em consonância com a Lei 10.639/2003. Apresenta a organização das sociedades africanas: África Oriental, África Ocidental e África Centro Ocidental. Descreve as influências africanas na cultura de maneira geral: religiosidade, danças, influências no português do Brasil, música e estilos musicais.</p>

LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Quilombolas e quilombos: história do povo brasileiro</p> <p><b>Autoria:</b> Mateus Pereira, Gisella Amorim e Amélia Porto</p> <p><b>Ilustrador:</b> Fernando Lima</p> <p><b>Editora:</b> Rona</p> <p><b>Ano:</b> 2012</p>	<p>A obra discute a importância dos quilombolas enquanto sujeitos históricos e a relevância da organização dos quilombos e nas vivências singulares desses espaços como importantes aspectos da identidade do povo brasileiro. Descreve o percurso histórico da formação dos quilombos no Brasil, dando destaque a importantes quilombos como o de Palmares, do Leblon e do Baixo Amazonas. Por fim, traz os desafios históricos, políticos e sociais das comunidades remanescentes de quilombolas.</p>
<p>Fonte: Própria autoria ( 2022)</p>		



Fonte: <https://educacaoeuapoio.com.br/>

*“Não deixe o que você não pode fazer afastá-lo do que você pode”  
(Provérbio Africano)*

### 3 EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAS E A FORMAÇÃO DOCENTE

A Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno – CNE/CP Nº 1, de 27 de outubro de 2020, dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). Este último documento apresenta dez competências gerais docentes, sendo que aqui destacaremos o item 1 e o item 3 por trazerem apontamentos que se aproximam dos princípios que rodeiam a temática de estudo deste trabalho, sendo eles, especificamente:

1. Compreender e utilizar os conhecimentos historicamente construídos para poder ensinar a realidade com engajamento na aprendizagem do estudante e na sua própria aprendizagem, colaborando para a construção de uma sociedade livre, justa, democrática e inclusiva. [...]. 3. Valorizar e incentivar as diversas manifestações artísticas e culturais, tanto locais quanto mundiais, e a participação em práticas diversificadas da produção artístico-cultural para que o estudante possa ampliar seu repertório cultural (BRASIL, 2020, p. 6).

Portanto, para que seja possível a promoção de uma educação antirracista, mais do que inserção de novos conteúdos, é preciso que os docentes estejam aptos a instigarem reflexões acerca da importância das diferenças, focando seus trabalhos na diversidade, sem negar o racismo e seus desdobramentos que acontecem na sociedade e, conseqüentemente, nos espaços escolares. Uma vez que,

O enfrentamento do racismo e de seus desdobramentos não se faz, somente, com a reformulação das matrizes curriculares. A discussão sobre os processos ensino e aprendizagem sobre abordagens didático-pedagógicas voltadas para abordagem de temas sensíveis – como o racismo – e sobre o modo como ele afeta crianças e adolescentes e sua relação com o mundo (e a Escola, especialmente) são fundamentais para que as demandas da sociedade civil sejam efetivadas (COELHO, M. C.; COELHO, W. de N. B, 2021, p. 8).

No entanto, sabemos que o trabalho pedagógico que efetive relações étnico-raciais respeitadas e igualitárias não acontece de forma natural ou por imposição de leis, apenas, mais do que boa vontade dos docentes e sensibilidade no que tange ao respeito às diferenças e à diversidade, é necessária formação (inicial e continuada) que possibilite a efetivação dessas práticas por parte dos docentes. Nessa direção, o Parecer do Conselho Nacional de Educação nº 03/2004, que

regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, coloca que os sistemas de ensino e os estabelecimentos de Educação Básica devem providenciar

[...] Introdução, nos cursos de formação de professores e de outros profissionais da educação: de análise das relações sociais e raciais no Brasil; de conceitos de suas bases teóricas, tais como racismo, discriminações, intolerância, preconceito, estereótipo, raça, etnia, cultura, classe social, diversidade, diferença, multiculturalismo; de práticas pedagógicas, de material e de textos didáticos, na perspectiva da reeducação das relações étnico-raciais e do ensino e aprendizagem da História e cultura dos Afro-Brasileiros e dos Africanos (BRASIL, 2013, p. 87).

O processo de ensino que considere os educandos enquanto sujeitos holísticos traz a preocupação do pleno desenvolvimento da pessoa, focando não só na aptidão para o mundo do trabalho, mas também no preparo para o exercício da cidadania, capacitando para o estabelecimento de relações pautadas nos princípios de igualdade, do convívio e do respeito às diferenças. Diante disso, o professor exerce papel fundamental na escolha do que será trabalhado em sala de aula, na definição de objetivos e na realização do planejamento de rotinas didáticas que contemplem a diversidade e as relações étnico-raciais. Pois não se pode perder de vista que

[...] as escolhas metodológicas e de conteúdos voltados às relações étnico-raciais por parte dos professores dependem da importância que eles lhes atribuem. Mesmo sendo uma obrigatoriedade legal, a sua execução no cotidiano da sala de aula fica a critério de cada educador e este está sujeito a seu modo de perceber essas questões, seus próprios conceitos e pré-conceitos e nesse contexto os alunos e alunas negras podem ou não ter acesso aos conhecimentos de sua matriz étnico-cultural (SANTOS, 2018, p. 72).

O reconhecimento das diferenças no contexto de sala de aula é muito importante, no entanto, as demandas que envolvem a promoção de uma educação justa, igualitária está para além disso. Envolve a implementação da justiça curricular em que os sujeitos são ativos no processo de aprendizagem, que tenham suas vivências e singularidades como ponto de partida para os processos educativos, buscando a implementação de ações na escola que representem continuidade de suas experiências extraescolares. Nesse cenário, é fundamental postura crítica e

reflexiva do professor diante das situações que se apresentam cotidianamente nos espaços escolares, inclusive, situações de discriminação e preconceito, assim, “[...] o comprometimento profissional é essencial, mas é dever e responsabilidade do Estado garantir que os professores tenham acesso à formação continuada, especialmente quando ela concorre para a melhoria das condições de oferta da Educação Básica [...]” (COELHO, M. C.; COELHO, W. de N. B, 2021, p. 15).

Compreendemos a formação, inicial e continuada, como importante processo de instrumentalização para a prática docente, dá consistência e atualiza os saberes didáticos pedagógicos, visto que a comunidade escolar precisa acompanhar a dinâmica da sociedade e as demandas apresentadas por ela. Sendo assim, a apropriação dos princípios da Educação para as Relações Étnico-Raciais é fundamental para enxergar e combater nos espaços escolares situações de racismo, preconceito e discriminação racial, além de oferecer aos estudantes negros uma educação contextualizada e aos estudantes não negros a oportunidade de se aprofundarem nos conhecimentos acerca da matriz africana.

A educação para as relações étnico-raciais que cumpre com seu papel é aquela em que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos negros e brancos, ao passarem pela escola básica, questionem a si mesmos nos seus próprios preconceitos, tornem-se dispostos a mudar posturas e práticas discriminatórias, reconheçam a beleza e a riqueza das diferenças e compreendam como essas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e de dominação (GOMES, 2010b, p.83).

A formação docente apresenta, ainda, a possibilidade de construção de pensamento crítico e reflexivo acerca das desigualdades em nosso país, visto que a escola tem papel primordial na formação identitária dos educandos. O professor, ao oportunizar a reflexão acerca dos problemas históricos enfrentados pela população negra, favorece a valorização desse grupo e auxilia na desconstrução de imagens depreciativas atreladas aos negros e, também, se contrapõe ao mito da democracia racial, que objetiva impregnar na população a ideia de que não há racismo no Brasil e que o país vive sob a perspectiva de igualdade de condições a todos os povos. Amâncio, Gomes e Jorge (2008, p. 119) acrescentam, ainda, que

[...] o diálogo escola/afro-brasilidade – ação exigida pela lei 10.639, em seu potencial de interatividade –, além de alterar o lugar tradicionalmente conferido a matriz cultural africana, resgata e eleva a autoestima do alunado

negro, de forma a abrir-lhe espaço para uma vivência escolar que o respeite como sujeito de uma história de valor, que é também a do povo brasileiro [...].

Em concordância com essas discussões, fica evidente a necessidade de visibilizar os aspectos históricos e culturais de africanos e afro-brasileiros com o intuito de que os educandos se identifiquem e se reconheçam enquanto sujeitos históricos e sociais e essas questões estão diretamente relacionadas à educação para as relações étnico-raciais, que “[...] deve ser o resultado da luta política voltada para a construção de uma escola e de práticas pedagógicas que insiram a diversidade, promovam a reflexão, a mudança de postura, estimulando práticas coletivas de combate ao racismo e à discriminação” (PIVA, 2020, p. 58).

Notoriamente, a formação docente isoladamente não tem força de impingir mudanças significativas e positivas no processo de aprendizagem e nas relações que se estabelecem nos espaços formais de ensino que se constituem como complexos e plurais, mas não podemos deixar de considerá-la como um passo fundamental. Nesse sentido Gomes e Silva apontam que “o movimento da sociedade atual exige da escola, dos docentes e dos formadores de professores/as a inclusão, no campo da formação de professores/as temáticas históricas que sempre foram relegadas a um plano secundário” (GOMES; SILVA, 2006, p. 21).

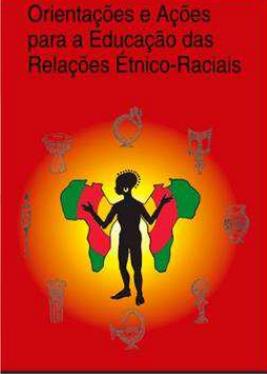
Reconhecemos, ainda, que os profissionais da educação são, antes de tudo, sujeitos sociais que carregam em si suas singularidades e têm suas ações e pensamentos moldados pelas vivências que se estabeleceram ao longo de sua formação e isso não se dissocia do seu fazer profissional, exatamente por isso, esse profissional precisa de processo formativo contínuo para que possa atuar enquanto agente mediador nos processos reflexivos e de construção de conhecimentos sempre atento às relações interpessoais que se estabelecem entre seus pares, entre professor-aluno e aluno-aluno para que as questões de ordem racial, que envolve a diversidade não sejam invisibilizadas ou silenciadas por falta de capacitação para lidar com essas situações desafiadoras. Desse modo, não podemos perder de foco que

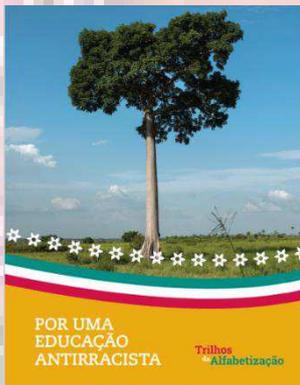
[...] é complexa, mas não impossível, a tarefa de tratar de processos de ensinar e de aprender em sociedades multiétnicas e pluriculturais, como a brasileira. Abordá-los pedagogicamente ou como objeto de estudos, com competência e sensatez, requer de nós, professores(as) e pesquisadores(as):

não fazer vista grossa para as tensas relações étnico-raciais que “naturalmente” integram o dia-a-dia de homens e mulheres brasileiros; admitir, tomar conhecimento de que a sociedade brasileira projeta-se como branca; ficar atento(a) para não reduzir a diversidade étnico-racial da população a questões de ordem econômico-social e cultural; desconstruir a equivocada crença de que vivemos numa democracia racial. E, para ter sucesso em tal empreendimento, há que ter presente as tramas tecidas na história do ocidente que constituíram a sociedade excludente, racista, discriminatória em que vivemos e que muitos insistem em conservar (SILVA, 2007, p. 492).

Diante do exposto, além de políticas de formação ofertadas pelos sistemas de ensino, de formações em serviço organizadas pela direção e coordenação pedagógica das escolas, o processo formativo também passa por uma busca pessoal do professor. Pautado nessa percepção, apresentamos, a seguir, sugestões de materiais que instiguem a reflexão acerca da educação para as relações étnico-raciais e possibilitem a instrumentalização didático-pedagógica do professor para caminhar na construção de uma educação antirracista, que considere a diversidade e multiplicidade existente na sala de aula.

LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Culturas Africanas e Afro-Brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos – religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais</p> <p><b>Autoria:</b> Renata Felinto (Organização)</p> <p><b>Editora:</b> Fino Traço</p> <p><b>Ano:</b> 2012</p>	<p>O livro traz um compilado de análises acadêmicas centradas em temas como a religiosidade, musicalidade e artes visuais vinculadas às tradições afro-brasileiras sem estereótipos e folclorizações, dando possibilidade de embasar o trabalho didático-pedagógico em sala de aula abordando as temáticas supracitadas. Trabalha, ainda, a representatividade negra em cada uma das áreas.</p>

LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil</p> <p><b>Autoria:</b> Marcus Fonseca, Carolina Moastaro da Silva e Alessandra Fernandes (Organizadores)</p> <p><b>Editora:</b> Mazza Edições</p> <p><b>Ano:</b> 2011</p>	<p>A obra é fruto de seminários realizados com pesquisadores de diversas áreas convocados para pensar sobre a educação e as suas relações com a diversidade étnico-racial, incluindo o contexto de sala de aula. Discute o contexto de sala de aula e as relações étnico-raciais e propõe reflexões e ações na direção de uma educação antirracista.</p>
LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação.</p> <p><b>Autoria:</b> Edimilson de Almeida Pereira</p> <p><b>Editora:</b> Paulinas</p> <p><b>Ano:</b> 2007</p>	<p>Traz a discussão acerca da elaboração de currículos multiculturais, a diversidade das culturas afro-brasileiras e as referências pedagógicas para esse trabalho. Faz o debate sobre diversidade cultural e os currículos escolares, abordando a literatura afro-brasileira e a religiosidade e festas populares africanas e afro-brasileiras.</p>
LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.</p> <p><b>Autoria:</b> Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.</p> <p><b>Editora:</b> SECAD/MEC</p> <p><b>Ano:</b> 2010</p>	<p>Este documento é resultado de grupos de trabalho constituídos por vasta coletividade, envolvendo estudiosos, pesquisadores e, especialmente, educadores. Apresenta orientações para a implementação da educação das relações étnico-raciais para todas etapas de ensino, bem como para todas as modalidades, abordando situações específicas de cada uma delas.</p>
<p>Link para download: <a href="http://etnicoracial.mec.gov.br/publicacoes/item/17-orientacoes-e-acoes">http://etnicoracial.mec.gov.br/publicacoes/item/17-orientacoes-e-acoes</a></p>		

LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Superando o racismo na escola</p> <p><b>Autoria:</b> Kabengele Munanga (Organizador)</p> <p><b>Editora:</b> SECAD/MEC</p> <p><b>Edição:</b> 2ª</p> <p><b>Ano:</b> 2005</p>	<p>O livro apresenta conceitos importantes para a educação das relações-étnico raciais. Traça discussão acerca da desconstrução das discriminações encontradas nos livros didáticos, elenca personagens negros na literatura infanto-juvenil, abordando a representatividade. Discute, ainda, a diversidade étnico-racial na Educação Básica.</p>
<p>Link para download: <a href="http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf">http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf</a></p>		
LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03</p> <p><b>Autoria:</b> Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.</p> <p><b>Editora:</b> SECAD/MEC</p> <p><b>Ano:</b> 2005</p>	<p>Debate a contextualização da Lei 10.639/03 como fruto de reivindicações do movimento negro. Traz conceitos importantes no debate sobre relações raciais no Brasil. Discute os espaços escolares como espaços de reprodução do preconceito e apresenta africanidades e religiosidade africana como possibilidades pedagógicas.</p>
<p>Link para download: <a href="http://etnicoracial.mec.gov.br/publicacoes/item/9-educacao-anti-racista-caminhos-abertos-pela-lei-federal-n-10-63903">http://etnicoracial.mec.gov.br/publicacoes/item/9-educacao-anti-racista-caminhos-abertos-pela-lei-federal-n-10-63903</a></p>		
LIVRO	DADOS DA OBRA	SINOPSE
	<p><b>Título:</b> Por uma educação antirracista.</p> <p><b>Autoria:</b> Projeto Trilhos da alfabetização (Maranhão) / Fundação Vale.</p> <p><b>Editora:</b> FGV Editora</p> <p><b>Ano:</b> 2021</p>	<p>Traz relevantes discussões para embasar o trabalho na direção de uma educação antirracista, desde o aparato legal até a descrição de como as ciências podem contribuir na constituição de uma sociedade plural e democrática. Faz a relação entre racismo, história e</p>

		educação. Apresenta conceitos importantes como democracia e identidade raciais. Debate, ainda, crianças negras na sala de aula e a corporeidade negra na escola.
Link	para download:	<a href="https://www.fundacaovale.org/wp-content/uploads/2022/04/Trilhos-da-Alfabetizacao-Por-uma-educacao-antirracista-.pdf">https://www.fundacaovale.org/wp-content/uploads/2022/04/Trilhos-da-Alfabetizacao-Por-uma-educacao-antirracista-.pdf</a>
Fonte: Própria autoria (2022)		



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/858920960152600912/>

*"O conhecimento é como um jardim: se não for cultivado, não  
pode ser colhido"  
(Provérbio Africano)*

## 4 EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A ALFABETIZAÇÃO

O primeiro e o segundo anos do Ensino Fundamental, etapas constituintes do ciclo de alfabetização, precisam inserir de forma consistente a ludicidade em suas atividades, até porque são etapas que sequenciam a Educação Infantil que trabalha de forma incisiva o lúdico nos processos formativos. A Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 57) orienta que

nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos.

A BNCC (2017) coloca, ainda, que aprender a ler e escrever ampliará as possibilidades de construção de conhecimento nos outros componentes curriculares. Já dentro da Educação para as Relações Étnico-Raciais, há a compreensão que o trabalho pautado com a diversidade e pluralidade étnico-racial não exige criação de novos conteúdos ou componentes curriculares, mas que o docente precisa estar atento para as possibilidades de trabalho pedagógico na transversalidade e trabalhando de forma interdisciplinar, para que não se constitua em um trabalho pontual, folclórico ou mesmo restrito a datas comemorativas.

A Educação para as Relações Étnico-Raciais está pautada em políticas de reparações, reconhecimento e valorização da história da população africana e afrodescendentes, desenvolvendo ações pedagógicas que considerem a cultura e a história do povo negro como base para a construção de conhecimento e buscando estabelecer relações respeitadas, justas e equânimes no contexto escolar. Para tanto, é importante que se compreenda a concepção de currículo para além da descrição dos conteúdos, mas entendendo que

O currículo é sempre proposta de experiência do mundo. Por outro lado, ele é experiência do mundo. [...]. O currículo é sempre uma complexa trama de mundos vividos e não de um só mundo, pois ele resulta de múltiplas experiências históricas e de projeto para o futuro de muitas histórias: as histórias dos educandos junto com as histórias dos educadores, no sentido mais amplo de compreensão possível (BERTICELLI, 2005, p. 29).

Consoante a esses entendimentos, buscamos sugerir atividades que oportunizem o trabalho interdisciplinar, sendo possível ser realizado durante qualquer período do calendário escolar. O que apresentamos a seguir, detalhamento de atividades com sugestão de materiais didáticos ou apontamento de conteúdos que favorecem o trabalho com a cultura negra, não se constituem em regras ou modelos, mas em possibilidades que podem e devem ser ampliadas pelo professor e adequadas à realidade de cada sala de aula.

Após a descrição de cada atividade, mencionamos, também, habilidades descritas na BNCC que podem ser trabalhadas durante a ação pedagógica proposta e dentro da descrição indicamos possíveis abordagens de conteúdos para trabalho com a cultura afro-brasileira e africana. Além disso, descrevemos algumas possibilidades de eixos transversais e/ou interdisciplinaridades a serem trabalhados.

#### 4.1 Brinquedos e Brincadeiras

A ludicidade é uma importante estratégia de ensino-aprendizagem. No processo de alfabetização isso não é diferente, uma vez que o brincar é recurso fundamental para o desenvolvimento cognitivo das crianças, pois faz parte das atividades extraescolares e é importante que a escola se aproprie dessa ferramenta enquanto suporte para o processo de alfabetização. Como nos coloca Pereira (2004, p. 08), “o ato de brincar é um legado de nossos antepassados. Faz parte da vida e sobrevivência de cada criança, está no alicerce e cultura de um povo. Brinquedos e brincadeiras são patrimônios que pertencem à humanidade”. Ainda nessa direção de importância dos brinquedos e brincadeiras na construção cognitiva e de apropriação cultural, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017, p. 215) coloca que

[...] as brincadeiras e os jogos têm valor em si e precisam ser organizados para ser estudados. São igualmente relevantes os jogos e as brincadeiras presentes na memória dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, que trazem consigo formas de conviver, oportunizando o reconhecimento de seus valores e formas de viver em diferentes contextos ambientais e socioculturais brasileiros.

Os brinquedos e brincadeiras de matriz africana ou afro-brasileira estão permeados pelo desafio, pelos trabalhos coletivos e mobilidade entre as crianças,

trabalham de forma incisiva a motricidade, a cognição e a interação. Cunha (2016, p.19) nos expõe que “[...] pensar a contribuição da ludicidade para a educação das relações étnico-raciais é enfrentar o desafio de pesquisar e selecionar jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras que permitam valorizar a diferença [...]”. Nessa perspectiva, de contemplar a diversidade cultural no processo de alfabetização, buscamos elencar alguns brinquedos e brincadeiras organizados, conforme descrição a seguir:

➤ **Objeto de conhecimento:**

- Brincadeiras e jogos do Brasil e do mundo.
- Brincadeiras e jogos de matriz indígena e africana.

➤ **Possibilidades de associação com as habilidades descritas na BNCC**

(2017):

- (EF35EF01) Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural.
- (EF35EF02) Planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos em brincadeiras e jogos populares do Brasil e de matriz indígena e africana.
- (EF35EF03) Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as brincadeiras e os jogos populares do Brasil e de matriz indígena e africana, explicando suas características e a importância desse patrimônio histórico cultural na preservação das diferentes culturas.
- (EF35EF04) Recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e demais práticas corporais tematizadas na escola, adequando-as aos espaços públicos disponíveis.

#### 4.1.1 Boneca Abayomi – símbolo de resistência e afetividade

**Lenda da Boneca Abayomi:** Durante as terríveis viagens dos negros trazidos à força para o Brasil, na travessia do Oceano Atlântico em uma difícil trajetória à bordo dos tumbeiros, que eram navios de pequeno porte que faziam a travessia dos negros escravizados da África para o Brasil, as crianças choravam assustadas por todo o processo de dor e sofrimento imposto ao seu povo. Então, as mães africanas, no intuito de acalantar seus filhos, rasgavam retalhos das suas saias e faziam



bonecas de tranças e nós como símbolo de afetividade e amuleto de proteção para as crianças brincarem. Essas bonecas ficaram conhecidas como Abayomi, que em iorumbá significa “encontro precioso”. Diz a lenda, ainda, que quando você presenteia alguém com uma boneca Abayomi, esse gesto está carregado de significado e indica que você está oferecendo o que tem de melhor para essa pessoa.

**Material necessário:** Retalhos de tecidos coloridos em tiras, tesoura sem ponta e a lenda da Abayomi.

**Vídeo ensinando fazer a boneca:** [Como Fazer Boneca Abayomi - YouTube](#)

**Possibilidade metodológica:** Em roda de conversa, trabalhando a oralidade, instigue que as crianças falem o que já sabem sobre a vinda da população africana para o Brasil, estimule-os a refletir sobre a imposição e o sofrimento desse processo. Na sequência, conte a lenda da boneca Abayomi, para além do processo de sofrimento da população negra, destaque a resistência do povo africano ao desumano processo escravista e evidencie a vivência nos quilombos como espaço de luta e manutenção de sua cultura. Ao final, distribua retalhos coloridos para que cada criança confeccione sua Abayomi e depois da apresentação das produções, solicite que as crianças escrevam cartões com felicitações para serem trocados entre os colegas. Essa sugestão de atividade trabalha os eixos de leitura, oralidade e produção de texto.

➤ **Possibilidades de associação com as habilidades descritas na BNCC**

(2017):

(EF02LP07) Escrever palavras, frases, textos curtos nas formas imprensa e cursiva.

(EF02LP13) Planejar e produzir bilhetes e cartas, em meio impresso e/ou digital, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

(EF02LP17) Identificar e reproduzir, em relatos de experiências pessoais, a sequência dos fatos, utilizando expressões que marquem a passagem do tempo (“antes”, “depois”, “ontem”, “hoje”, “amanhã”, “outro dia”, “antigamente”, “há muito tempo” etc), e o nível de informatividade necessário.

#### 4.1.2 Jogo Kudoda

O jogo Kudoda tem sua origem no Zimbábue.

**Como jogar?** Desenhar um círculo no chão e os jogadores sentam ao redor do círculo. Disponibilizar 20 (vinte) bolinhas de gude que podem ser substituídas por tampas de garrafa pet. Sorteia-se a ordem dos jogadores. O



primeiro jogador tem uma tampinha na mão e a joga para o ar e ele tem como desafio, tentar pegar quantas tampinhas puder de dentro do círculo antes de pegar no ar a tampinha atirada. Esse jogo tem a possibilidade de adaptação para a participação de um grande quantitativo de crianças, bastando ampliar o número de bolinhas de gude ou de tampas de garrafas pet.

**Material necessário:** giz ou fita adesiva para demarcar o círculo no chão e bolinhas de gude ou tampas de garrafas pet.

**Possibilidade metodológica:** Em aula dialogal explicar para as crianças a origem do jogo, enfatizando que a África é um continente constituído por vários países, dentre eles o Zimbábue. A conversa pode ser ampliada com a exposição do

mapa para que as crianças tenham melhor entendimento do que está sendo explicado.

Fazer o registro no quadro do texto instrucional de como funciona a brincadeira, para leitura coletiva e registro do texto no caderno pelos alunos.

Durante a brincadeira, ao final de cada rodada, realizar contagem das tampinhas ou bolinhas adquiridas por cada participante, definindo o participante com maior quantidade de tampas ou bolas, fazendo o registro em tabela no quadro.

Essa atividade sugerida possibilita o trabalho com leitura, escrita, contagem, leitura matemática em tabela, identificação de maior e menor quantidade de elementos.

➤ **Possibilidades de associação com as habilidades descritas na BNCC**

(2017):

(EF02MA01) Comparar e ordenar números naturais (até a ordem de centenas) pela compreensão de características do sistema de numeração decimal (valor posicional e função do zero).

(EF02MA02) Fazer estimativas por meio de estratégias diversas a respeito da quantidade de objetos de coleções e registrar o resultado da contagem desses objetos (até 1000 unidades).

(EF02MA03) Comparar quantidades de objetos de dois conjuntos, por estimativa e/ou por correspondência (um a um, dois a dois, entre outros), para indicar “tem mais”, “tem menos” ou “tem a mesma quantidade”, indicando, quando for o caso, quantos a mais e quantos a menos.

(EF12LP03) Copiar textos breves, mantendo suas características e voltando para o texto sempre que tiver dúvidas sobre sua distribuição gráfica, espaçamento entre as palavras, escrita das palavras e pontuação.

(EF12LP04) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor ou já com certa autonomia, listas, agendas, calendários, avisos, convites, receitas, instruções de montagem (digitais ou impressos), dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.

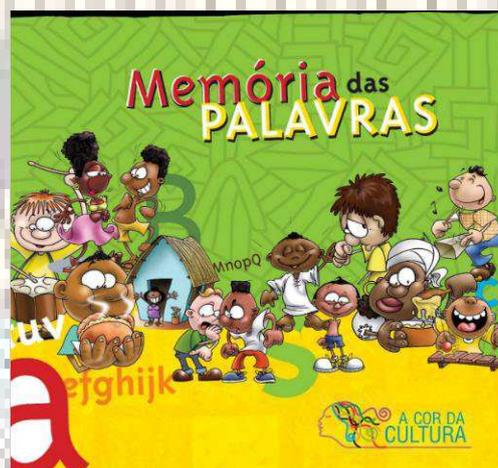
➤ **Outras possibilidades:** O Projeto Educação e Ludicidade Africana e Afro-brasileira é uma proposta de atividade de extensão da Faculdade de Pedagogia do

Campus de Castanhal, da Universidade Federal do Pará (FAPED/CUNCAST/UFGPA) composta por oficinas pedagógicas sobre jogos e brincadeiras africanas. No site do projeto estão disponíveis inúmeras publicações com variadas possibilidades de jogos e brincadeiras de matriz africana e a descrição do uso pedagógico de cada uma delas. *Link* de acesso: <https://www.laab.pro.br/projeto/publicacoes-laab.html>.

## 4.2 Memória das Palavras – Nosso vocabulário

O trabalho a partir do livro “Memórias das Palavras” do projeto “A cor da cultura” favorece a compreensão que a origem de muitas palavras utilizadas no cotidiano do povo brasileiro é de origem africana.

O referido livro é um dicionário de palavras de matriz africana que foram incorporadas em nosso vocabulário, isso possibilita estabelecer conversa e reflexão



acerca da contribuição dos povos africanos na formação da língua brasileira. As palavras são apresentadas em ordem alfabética e explicadas de forma didática e bem ilustradas.

**Material necessário:** papel A4, lápis de cor ou giz de cera, lápis, borracha e o livro “Memória das palavras” – disponível para *download* no *link*: <https://doceru.com/doc/vvn1ess>.

**Metodologia possível:** Pelo grande quantitativo de palavras apresentadas, essa obra possibilita a construção de uma sequência didática composta por várias aulas, no entanto, será descrita aqui uma possibilidade de trabalho para uma aula apenas.

Após a apresentação da obra para os alunos, será realizada a leitura parcial do livro, apresentando apenas algumas palavras de origem africana e os seus significados de cada letra do alfabeto. Ao final, os alunos, organizados em duplas, serão incentivados a escolherem duas palavras por dupla, será feito o registro no quadro de todas as palavras escolhidas pela turma, serão organizadas em ordem

alfabética e realizado leitura coletiva. Cada dupla ficará responsável por escrever suas duas palavras, criar a explicação para o significado de cada uma delas e suas respectivas ilustrações. Ao terminar, as duplas apresentarão suas produções para a turma e esse material será compilado para montagem do dicionário de memória de palavras africanas da turma. Essa atividade possibilita o trabalho de leitura, escrita, compreensão textual, oralidade, organização de palavras em ordem alfabética, dentre outros.

Como ampliação da atividade, os alunos podem ser desafiados a pesquisarem outras palavras de origem africana que não foram encontradas na obra trabalhada.

➤ **Possibilidades de associação com as habilidades descritas na BNCC (2017):**

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

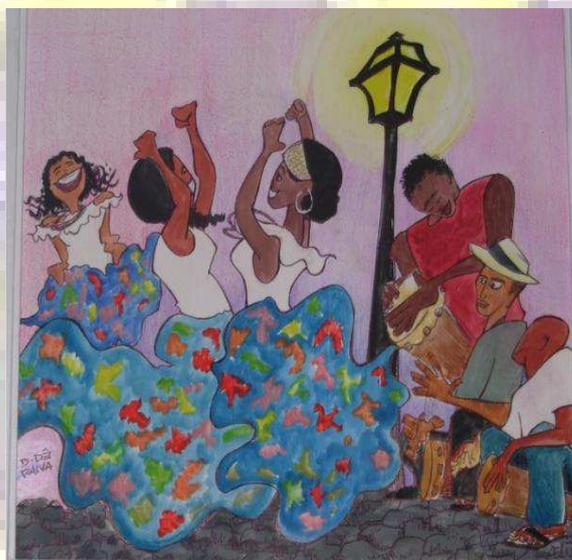
(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

(EF02LP01) Utilizar, ao produzir o texto, grafia correta de palavras conhecidas ou com estruturas silábicas já dominadas, letras maiúsculas em início de frases e em substantivos próprios, segmentação entre as palavras, ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação.

(EF12LP06) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, recados, avisos, convites, receitas, instruções de montagem, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, que possam ser repassados oralmente por meio de ferramentas digitais, em áudio ou vídeo, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

### 4.3 Tambor de Crioula – Resistência e Religiosidade

O Tambor de crioula é uma das manifestações culturais e étnicas da população afro-maranhense, que em 2007, foi reconhecido como patrimônio cultural dentro dos bens imateriais, portanto, sendo classificado como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Se caracteriza como uma expressão representativa de dança, religiosidade e de resistência à manutenção dos legados culturais e religiosos da população negra do Maranhão.



No nosso estado, é uma das manifestações culturais que preserva importantes elementos da cultura africana, sendo marcado por forte característica religiosa, sendo esta dança realizada em louvor a São Benedito, considerado o santo protetor da população negra maranhense. Desde maio de 2004, em São Luís, o dia 6 de setembro foi instituído, por lei (Lei nº 51/04), como o Dia Municipal do Tambor de Crioula.

O município de São Luís conta, desde 2018, com o Museu Casa do Tambor de crioula, localizado no Centro Histórico de São Luís – Rua da Estrela, 209. Esse centro de referência do tambor de crioula é um espaço de encontro dos grupos, de apresentações e, também, como um local de transmissão de saberes associados a essa manifestação cultural maranhense. O espaço é aberto para visita de terça a domingo. Possui perfil em rede social e por esse canal podem ser agendadas visitas ou obter informações que envolvem a dança e o museu: [Museu Casa do Tambor de Crioula \(@casadotambor\\_\)](#) • [Fotos e vídeos do Instagram \(@casadotambor\\_\)](#)

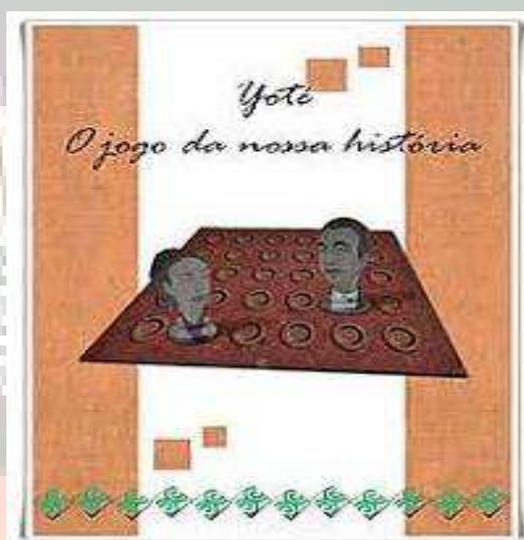
Essa manifestação apresenta variadas possibilidades de trabalho pedagógico, além da referência histórica e de resistência da população negra, podem ser trabalhados aspectos como a origem, personagens, cantos, instrumentos, indumentária, dança, religiosidade, oportunizando trabalhos interdisciplinares com os

componentes curriculares Língua Portuguesa, Ensino Religioso, Arte, História, dentre outros.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN tem um dossiê intitulado “O Tambor de Crioula do Maranhão” repleto de informações sobre essa manifestação artística, religiosa e cultura, disponível para *download* no *link*: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie15\\_tambor.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie15_tambor.pdf).

#### 4.4 Personalidades Negras - representatividade

A representatividade é fundamental para o processo de formação identitária das crianças. Nesse processo é muito importante que sejam apresentados referenciais negros a fim de que as crianças negras, a partir da identificação, possam construir imagens positivas de si e do seu grupo étnico no processo de construção da identidade e que crianças não negras conheçam e valorizem a história de importantes personalidades negras na construção da história nacional.



Dentre as muitas possibilidades, apresentamos como sugestão o livro “Yoté – o jogo de nossa história”. Esse material didático tem o objetivo de resgatar a história dos afro-brasileiros, demonstrando sua importante contribuição nos diversos setores da nossa sociedade e se destina a todas as crianças, especialmente àquelas que estão em áreas de remanescentes de quilombos. Essa obra, além de descrever as regras do jogo, descreve a vida de importantes personalidades negras nos mais variados campos de atuação, como por exemplo: Adhemar Ferreira da Silva (esporte), Chiquinha Gonzaga e Clementina de Jesus (música), Cruz e Sousa (literatura), Zumbi dos Palmares e Luiz Gama (luta e resistência), Mãe Menininha (religiosidade), dentre outros.

Neste ponto, é válido ressaltar a importância do trabalho com personalidades negras maranhenses nos diversos campos, dando destaque para

personalidades negras da própria comunidade, favorecendo a aproximação das referências com as vivências dos educandos.

*Links* para download:

[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/yote\\_professor\\_miolo.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/yote_professor_miolo.pdf)

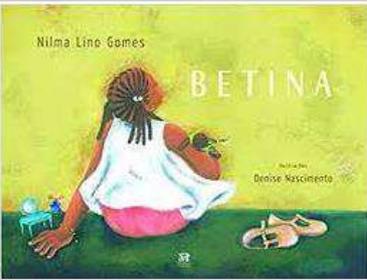
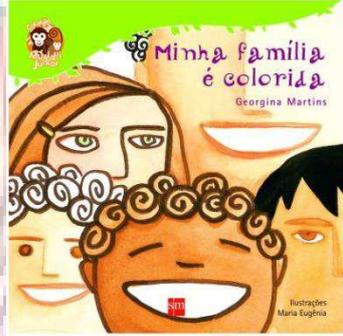
(Material do professor)

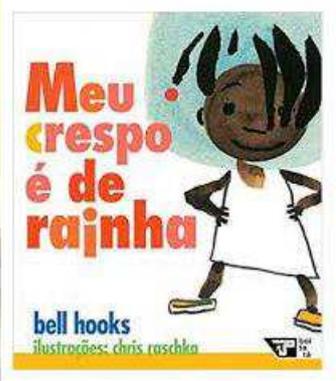
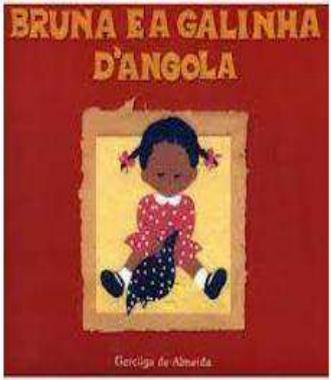
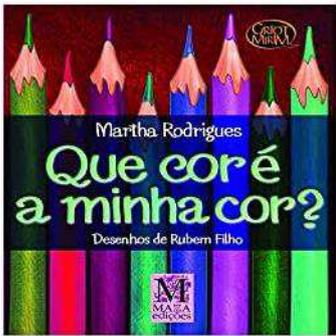
[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/yote\\_aluno\\_miolo.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/yote_aluno_miolo.pdf)

(Material do aluno)

**Vídeos:** No link abaixo está disponível a *Playlist* da série Heróis do Mundo do projeto A Cor da Cultura – Parceria entre o Ministério da Educação e a Fundação Roberto Marinho (Canal Futura) - [https://www.youtube.com/playlist?list=PL20upv2JBXS1z-vtjikbNEJ8hegqD\\_wrE](https://www.youtube.com/playlist?list=PL20upv2JBXS1z-vtjikbNEJ8hegqD_wrE).

#### 4.5 Livros Paradidáticos

LIVROS	DADOS DA OBRA	SINOPESE
	<p><b>Título:</b> Betina</p> <p><b>Autoria:</b> Nilma Lino Gomes</p> <p><b>Ilustração:</b> Denise Nascimento</p> <p><b>Editora:</b> Mazza edições</p> <p><b>Ano:</b> 2009</p>	<p>Conta a história de Betina, a menina que aprendeu a arte de trançar cabelos com a avó. A arte de trançar cabelos é uma tradição ancestral africana preservada em toda diáspora negra. Os penteados mais do que estética, carregam representação social, política, afetiva e espiritual.</p>
LIVROS	DADOS DA OBRA	SINOPESE
	<p><b>Título:</b> Minha família é colorida</p> <p><b>Autoria:</b> Georgina Martins</p> <p><b>Ilustração:</b> Maria Eugênia</p> <p><b>Editora:</b> Edições SM</p> <p><b>Ano:</b> 2005</p>	<p>Ângelo questiona a mãe sobre a diferença de cor da pele e da estrutura do cabelo entre ele e seus irmãos. Para conseguir explicar as diferenças, a mãe usa a ancestralidade para esclarecer que as famílias brasileiras são compostas por pessoas com fenótipos diferentes uns dos outros.</p>

LIVROS	DADOS DA OBRA	SINOPESE
	<p><b>Título:</b> Meu crespo é de rainha</p> <p><b>Autoria:</b> Bell Hooks</p> <p><b>Ilustrador:</b> Chris Raschka</p> <p><b>Editora:</b> Boitatá</p> <p><b>Ano:</b> 2018</p>	<p>O livro traz um poema ilustrado que trabalha a estética negra de maneira positiva e alegre, apresentando vários penteados e formas de usar o cabelo curto, comprido, trançado, solto, etc. Além de destacar os acessórios como o turbante.</p>
LIVROS	DADOS DA OBRA	SINOPESE
	<p><b>Título:</b> Bruna e a galinha d'Angola</p> <p><b>Autoria:</b> Gercilda Marques Saraiva de Almeida</p> <p><b>Ilustrador:</b> Valéria Saraiva</p> <p><b>Editora:</b> Pallas</p> <p><b>Ano:</b> 2009</p>	<p>Bruna era uma menina que se sentia muito solitária e ganha da avó uma galinha d'Angola e através dela vai conhecendo várias histórias sobre a África, as memórias de sua família e contos africanos sobre a criação do mundo. Através de Bruna e sua galinha d'Angola, a sua aldeia fica muito conhecida.</p>
LIVROS	DADOS DA OBRA	SINOPESE
	<p><b>Título:</b> Que cor é a minha cor?</p> <p><b>Autoria:</b> Martha Rodrigues</p> <p><b>Ilustrador:</b> Rubem Filho</p> <p><b>Editora:</b> Mazza edições</p> <p><b>Ano:</b> 2006</p>	<p>A obra apresenta de modo lúdico a formação do povo brasileiro, valorizando as diferenças que constituem nossas matrizes. A personagem da história destaca as características físicas comparando a cor da sua pele a objetos e elementos da natureza.</p>

LIVROS	DADOS DA OBRA	SINOPESE
	<p><b>Título:</b> O Pequeno Príncipe Preto</p> <p><b>Autoria:</b> Rodrigo França</p> <p><b>Ilustrador:</b> Juliana Barbosa Pereira</p> <p><b>Editora:</b> Nova Fronteira</p> <p><b>Ano:</b> 2020</p>	<p>Baseado na história do Pequeno Príncipe, esta obra conta a história de um menino negro que mora em um planeta apenas com a companhia de um baobá. A obra traz a importância da afetividade, da ancestralidade, da sabedoria e da empatia. E destaca aspectos físicos da população negra de forma positiva.</p>
LIVROS	DADOS DA OBRA	SINOPESE
	<p><b>Título:</b> Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!</p> <p><b>Autoria:</b> Lucimar Rosa Dias</p> <p><b>Ilustrador:</b> Sandra Beatriz Lavandeira</p> <p><b>Editora:</b> Alvorada</p> <p><b>Ano:</b> 2012</p>	<p>A personagem Luanda conta de maneira alegre e divertida que características físicas e modos de ser não podem influenciar nossas relações de amizade, carinho e afeto. Mostra o quanto a diversidade e o respeito são importantes nas nossas relações.</p>

Fonte: Própria autoria (2022)

Consideramos importante destacar que essas são apenas algumas sugestões de um universo amplo das possibilidades de trabalho pedagógico tendo por base aspectos da cultura negra e atividades com base em matrizes africanas. Dentro dessas possibilidades, pode-se mencionar ainda, por exemplo:

- Estética negra – oficinas de beleza negra trabalhando a perspectiva histórica e identitária, envolvendo tranças, usos de turbante e vestimenta;

- Culinária de origem africana e afro-brasileira – elaboração de livros de receitas;
- Religiões de matrizes africanas;
- Artes-visuais – máscaras africanas, acessórios de contas como colares e pulseiras, pinturas e modelagens em barro, dentre outros;
- Contos africanos – como sugestão, deixamos o *link* do Museu Virtual de Contos Africanos e Itan, que apresenta organização de coleção de contos, sala interativa, midiateca, diário de aula, dentre outros - SOBRE O MUSEU | Mucai (<https://www.museumucai.com/>);
- Griôs – oralidade e memória;
- Literatura – leitura de obras de autores negros;
- Capoeira – trabalha psicomotricidade, corpo e movimento, além de história, cultura e resistência;

Indubitavelmente, as referências e possibilidades não findam no que foi descrito acima, a criatividade, os estudos e a iniciativa do docente, bem como de toda a comunidade escolar ampliarão esse rol de maneira significativa.

Diante do exposto, é inegável a riqueza da cultura afro-brasileira e africana e a diversidade de possibilidades didático pedagógicas que se apresentam diante dessa variedade, oferecendo à comunidade escolar a possibilidade de trabalho para a educação das relações étnico-raciais durante todo o ano letivo, oportunizando condições de realização de um trabalho contextualizado, de valorização e reconhecimento da importância da influência negra no fazer histórico, social e cultural do Brasil.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação como eixo estruturante de sociedades em desenvolvimento e construída por sujeitos sociais precisa acompanhar a dinamicidade do mundo e isso exige que os profissionais da educação estejam em permanente processo formativo para acompanhar as demandas dos sujeitos e dos contextos sócio-históricos e culturais a fim de promover práticas pedagógicas consistentes e contextualizadas.

As práticas didático-pedagógicas desenvolvidas nos espaços formais de ensino não podem estar desvinculadas das vivências extraescolares dos estudantes. Suas vivências em seus grupos sociais e as singularidades dos indivíduos precisam ser consideradas para que possamos implementar um currículo que insira todos os sujeitos e direcione o fazer pedagógico para um processo educativo mais justo, democrático e equânime. Ao promover ações pedagógicas que considerem as diferenças dos sujeitos e trabalhem em busca da valorização da diversidade, o corpo docente, bem como a equipe técnico-pedagógica da escola, se aproximam dos princípios da Educação para as Relações Étnico-Raciais - EREER e possibilitam não só que os alunos negros ingressem na escola, mas favorece que construam com sucesso a sua trajetória escolar.

Pautados nessas concepções, buscamos trazer nesta proposta pedagógica discussões, sugestões e direcionamentos que ampliem as possibilidades de construção da escola não só enquanto espaço de desenvolvimento intelectual e educacional, mas também, contribuindo para a formação emocional, social, cultural e identitária dos educandos. Não há metodologia pronta e nem uma forma de fazer exclusiva para atender o que norteia a EREER, mas as oportunidades pedagógicas para formação holística dos estudantes se apresentam cotidianamente na escola e a comunidade escolar precisa estar preparada e disposta a implementar uma educação de enfrentamento ao racismo, ao preconceito e à discriminação racial. Desejamos que este material instigue reflexões, desperte a criatividade pedagógica para o fazer didático e auxilie pedagogicamente aos leitores.

## REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Isis Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BEATO, Joaquim. **Um novo milênio sem racismo na Igreja e na sociedade**. CENACORA, 1998.

BERTICELLI, Ireno Antônio. Currículo como prática nas reentrâncias da hermenêutica. **Educação & Realidade**, v. 30, n. 1, jan./jun. 2005. Disponível: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/22909>. Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução Conselho Nacional de Educação / Conselho Pleno nº 01 de 17 de junho de 2004**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Edições MEC/BID/UNESCO, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Conselho Pleno (CP). Parecer nº 15, de 15 de dezembro de 2017. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 17 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução Conselho Nacional de Educação / Conselho Pleno nº 01 de 27 de outubro de 2020**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-27-de-outubro-de-2020-285609724>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. /n: CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 13-37.

COELHO, Mauro Cezar; COELHO; Wilma de Nazaré Baía. Educação para as Relações Étnico-Raciais e a formação de professores de História nas novas diretrizes para a formação de professores! **Educar em Revista**, v. 37. Curitiba: 2021.

CONVENÇÃO INTERNACIONAL DA ONU. Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial. Organização das Nações Unidas, 27 de março de 1968. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1950-1969/D65810.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D65810.html). Acesso em: 09 abr. 2022.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016. Disponível em: <https://www.laab.pro.br/projeto/publicacoes-laab.html>. Acesso em: 19 abr. 2022.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. O desafio da diversidade. *In*: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. (orgs.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 13-33.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. *In*: MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Relações Étnico-Raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões. *In*: BRANDÃO, Ana Paula (org.). **Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres**. (A cor da cultura – v. 4). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010a.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei nº 10.639/03. *In*: MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b.

MARQUES, Eugenia Portela Siqueira. *et. al.* Tinha uma pedra no meio do caminho: a ausência na formação do professor. *In*: MARQUES, Eugenia Portela Siqueira; TROQUEZ, Marta Coelho Castro (orgs.). **Educação das relações Étnico-Raciais: caminhos para a descolonização do currículo escolar**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

LOPES, Véra Neusa. Racismo, preconceito e discriminação: procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. *In*: MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na escola**. 2.ed.rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, São Paulo, v.

19, n. 1, p. 287 – 308. 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ts/a/MyPMV9Qph3VrbSNDGvW9PKc/?format=pdf&lang=pt>.  
Acesso em: 18 abr. 2022.

PEREIRA, Natividade. **Brinquedoteca: jogos, brinquedos e brincadeiras**. São Paulo: Paulinas, 2004.

PIVA, Caroline Tito Miranda. Educação das relações étnico-raciais e prática pedagógica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. ano 05, v. 02, pp. 49-61. abr. 2020. Disponível em:  
<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/relacoes-etnico-raciais>.  
Acesso em: 20 abr. 2022.

SANTOS, Nadia Farias dos. **Entre saberes e fazeres docentes: o ensino das relações étnico-raciais no cotidiano escolar**. 1 ed. Curitiba: Appris editora, 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, p. 489-506. 2007. Disponível em:  
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2745/2092>.  
Acesso em 20 abr. 2022.